

Editorial

Este número da **pro-posições** reúne artigos de pesquisadoras que trabalham com ensino de arte e que tratam de temas que se entrelaçam: diversidade cultural, relações de gênero, inclusão e exclusão na escola, democratização da cultura, novas propostas para o ensino escolar de arte, educação estética e valores humanos, prática pedagógica em arte, formação do professor.

Rachel Mason, pesquisadora da University of Surrey Roehampton, em Londres, Inglaterra, é uma das pioneiras na discussão do conceito de arte-educação multicultural, tema que vem abordando em inúmeros artigos, livros e conferências realizadas em todo o mundo. Em seu artigo, Rachel Mason, após apresentar-nos um panorama mundial das mais recentes reformas educacionais que pretendem implementar uma educação preocupada com o pluralismo cultural, defende a idéia de que a diversidade cultural deve ser representada e transmitida na escola, para que as crianças aprendam a aceitá-la na sociedade. Preocupando-se com interesses sociais e políticos, e não apenas com a arte, diz ela, que o ensino de arte poderia colaborar para “aumentar a tolerância e respeito entre grupos”.

A temática da pluralidade cultural também é abordada nos artigos de Sueli Ferreira e Ivone Richter, doutorandas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação/UNICAMP, e professoras nas Faculdades Santa Marcelina (SP) e Universidade Federal de Santa Maria (RS), respectivamente.

Considerando a escola um “espaço plural” e passando por temas como pluralidade cultural, práticas discursivas, formação do professor, parâmetros curriculares, produção simbólica e artefatos culturais, Sueli Ferreira discute as interações entre arte e escola, analisando a contribuição do ensino de arte para a constituição do sujeito social, e do professor, mediador deste processo.

Ivone Richter apresenta-nos um breve histórico sobre o desenvolvimento do conceito de multiculturalismo no ensino de arte em outros países, proposta que, no Brasil, ganha força a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Alerta para os perigos de uma assimilação acrítica de modelos estrangeiros, ressaltando que nossa realidade é muito diferente da européia ou dos países da América do Norte. Assim, recomenda, devemos buscar nossos próprios caminhos para a implementação de propostas que contemplem a multiplicidade de manifestações e produções artísticas.

Outro desafio para o professor de arte, segundo Ivone Richter, é o tema relações de gênero, que pouca atenção recebeu nos PCNs, mas que é de fundamental importância para a área artística, uma vez que provavelmente a maioria dos padrões estéticos dos nossos alunos são construídos a partir de padrões estéticos femininos. Uma importante contribuição para a compreensão desta temática é dada por Luciana Grupelli Loponte, professora na Universidade de Santa Cruz do Sul (RS). Luciana é pioneira, no Brasil, no tratamento deste tema no campo das artes. Seu artigo é uma síntese de sua dissertação de mestrado, defendida na Faculdade de Educação/UNICAMP. O estudo tem como eixo as relações entre gênero, educação e arte. Ao analisar as concepções sobre arte e ensino de arte de dez professoras de Educação Artística de escolas públicas de Pelotas (RS), busca compreender como estas concepções articulam-se com a desvalorização do ensino de arte nas escolas.

É interessante comparar o artigo de Luciana Loponte com o de Elizabeth Saccá, inclusive porque a primeira toma como um dos seus referenciais teórico: os escritos da segunda, conforme afirma em sua dissertação.

O artigo de Elizabeth Saccá, pesquisadora norte-americana atuante na Concordia University, em Montreal, Canadá, aborda a questão das diferenças e da exclusão. A autora faz uma análise das várias formas como as pessoas são excluídas do processo educativo – em especial a mulher, os povos indígenas, diversos grupos culturais e, ainda, gays, lésbicas, bissexuais e deficientes. Preocupada com esta questão, Elizabeth Saccá vem desenvolvendo propostas que possibilitem a inclusão de todos na arte e no processo educativo, ressaltando a necessidade de que artistas, professores e pesquisadores se voltem para a discussão desta problemática.

Os três artigos seguintes enfocam a prática pedagógica e a formação do professor de arte.

Maura Penna, professora na Universidade Federal da Paraíba, traça um breve histórico do ensino escolar de arte em nosso país, considerando que, atualmente, as práticas pedagógicas não são orientadas por um modelo único, mas norteadas por uma das três tendências que prevalecem: enfoque técnico-profissionalizante, ensino de arte tendo em vista a formação plena do indivíduo, e preocupação com o ensino dos conteúdos próprios às diferentes linguagens artísticas.

O artigo de Sílvia Maria Cintra da Silva, professora na Universidade Federal de Uberlândia, e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação/UNICAMP, focaliza uma questão pontual: o modo como o desenho infantil é entendido e tratado por algumas professoras. O artigo baseia-se em pesquisas realizadas para sua dissertação de mestrado, também defendida na Faculdade de Educação/UNICAMP. Nesta investigação pôde constatar o despreparo das professoras para lidar com o desenho de seus alunos o que, para ela, é consequência de uma formação que desconSIDERA o desenho como atividade simbólica que promove desenvolvimento e aprendizagem.

Preocupada com o ensino de história da arte na Educação Básica, Mara Ferraro, professora de Educação Artística do COTUCA - Colégio Técnico da UNICAMP, e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação/UNICAMP, chama a atenção para o fato de que as produções artísticas mais recentes não foram incorporadas nos programas de ensino de arte. Talvez, pondera, pela dificuldade dos professores em abordar tais produções. Considerando ser fundamental o contato com obras da atualidade, sugere que o diálogo com elas pode ser facilitado através de uma aproximação entre estas produções e as da cultura de massa – tão caras aos adolescentes –, já que os artistas da pós-modernidade alimen-

tam-se da cultura de massa. Também discute a necessidade de se expor as relações que artistas e suas obras mantêm com o mercado da arte, a política, a religião, a economia, as descobertas científicas etc., evitando-se, assim, uma abordagem romantizada da história da arte.

O artigo de Raywen Ford, também pesquisadora na University of Surrey Roehampton, fecha a revista. A escolha deste artigo para finalizar o conjunto de reflexões foi intencional: o tema nos tira do campo das discussões mais pragmáticas sobre ensino de arte para nos lançar no campo da moral. Raywen Ford apresenta-nos uma reflexão sobre como o ensino de arte pode promover o desenvolvimento de valores humanos. Ela discorre sobre as relações afetivas que podem ser criadas ou sedimentadas no ato de dar e receber um presente, especialmente se este presente for um objeto feito artesanalmente. Numa sociedade consumista, diz ela, é fundamental resgatarmos a prática de fazer e apreciar objetos produzidos artesanalmente, atividades que podem colaborar para que as crianças compreendam o sentido de certos atos, como o de criar e produzir um objeto com o intuito de presentear alguém.

Creio poder afirmar que, no conjunto, as autoras acreditam numa proposta educativa comprometida com a idéia de que a escola deve e pode mudar; ela precisa acolher e trabalhar com toda a diversidade de práticas e produções artísticas, sem distinção. O que irá requerer extremo cuidado pois, junto com a diversidade, estão presentes as diferenças, os conflitos de classe e de cultura, constituídos nas relações de poder e dominação que se instauram entre os vários grupos que compõem a sociedade. Este é o desafio que nos propomos.

Célia Maria de Castro Almeida¹

1. Coordenadora do grupo de pesquisa LABORARTE - Laboratório de Estudos sobre Ensino das Artes, da Faculdade de Educação/UNICAMP.